

## Práticas transformadoras – lugares e caminhos.

Marina Henriques Coutinho

Acredito que os temas desta “roda de conversa” – *Práticas transformadoras: lugares e caminhos* estejam muito relacionados com o pensamento de um grande brasileiro, o educador Paulo Freire. É por isso que decidi começar trazendo algumas de suas palavras: “Sonhar não é apenas um ato político necessário, mas também uma conotação de forma histórico-social de estar sendo de mulheres e homens. Faz parte da natureza humana que, dentro da história, se acha em permanente processo de tornar-se... *Não há mudança sem sonho como não há sonho sem esperança.*” (Paulo Freire, *Pedagogia da Esperança*. 1992, p. 91-2). Em outra passagem, de *Pedagogia da Autonomia*, Freire nos alerta sobre o perigo de uma “ideologia fatalista e imobilizante” que anda solta pelo mundo, insistindo em nos convencer de que nada podemos contra a “realidade social que, de histórica e cultural, passa a ser ou a virar quase natural.” (Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*, 1996, p.19)

É verdade, o mundo consumista, competitivo, globalizado, tenta todos os dias nos convencer de que somos incapazes de provocar mudanças, ou transformações. Vivemos em tempos implacáveis, é verdade, mas felizmente iniciativas como esta da *Mostra Juventude Transformando com Arte* “mostram” a teimosia de muitas ações criativas, corajosas, que vêm desafiando esse tempo. Elas *mostram* que mesmo vivendo em tempos de incerteza, insegurança, solidão, medo do futuro, tempos de “desengajamento”, a arte é capaz de criar e engajar grupos em projetos inspirados pela cultura da mudança, ou pela cultura da transformação.

O tema desta roda de conversa: *Práticas transformadoras – lugares e caminhos* instigou-me a fazer perguntas: O que são práticas transformadoras? O que é que se transforma nessas práticas? Quem se transforma? Por que? Como?

São perguntas que, na verdade, já me perseguem há algum tempo, desde que comecei a trabalhar com jovens em projetos sociais envolvendo o teatro nas favelas do Rio de Janeiro. Todos os dias, convivendo com os jovens e suas comunidades, eu me perguntava qual seria o meu papel naquelas iniciativas, sobre qual seria a contribuição do teatro para a vida e realidade daquelas pessoas e, principalmente, se a minha ação (por meio da arte) naqueles contextos colaborava com alguma mudança. Quais mudanças seriam essas? Nos jovens, em mim mesma? Na comunidade? De fato, toda a minha reflexão acadêmica é uma tentativa de encontrar respostas para essas e outras questões. Quando entro em contato com novas práticas, projetos, ações como as que fazem parte da *Mostra* este ano, como as dos participantes desta roda, essas perguntas retornam ainda com mais força.

Percebo que a intenção de *transformar* está bastante clara na atuação desses grupos e pessoas: na experiência do grupo da Natália Simonete (*Inclusos e os Sisos – teatro de mobilização pela diversidade*), por exemplo, é evidente a intenção de provocar uma mudança na maneira de nós todos olharmos a deficiência, o alerta que eles nos trazem sobre a necessidade de refletir sobre todos os tipos de discriminação, a luta pela acessibilidade física e de comunicação; na atuação da Maria Gomide, e de sua família na *Carroça de Mamulengos*, uma experiência muito particular de opção pela vida através da

arte. A opção também pelo resgate dos saberes populares, da cultura popular, num mundo onde a cultura de massas alimenta uma verdadeira “castração estética” (tomando agora as palavras de outro brasileiro o Augusto Boal); nas iniciativas tanto do *Centro Cultural da Juventude -CCJ*, representado pelo Leandro Benetti, quanto do *Espaço Cubo*, do Pablo Capilé, com o desafio de gerir projetos que ofereçam mais autonomia e *sujeitismo* aos jovens; no *Balé de Rua*, do Alexandre Bento, projeto ousado que aposta na profissionalização de jovens; e na atuação do Luciano Vidigal do *Nós do Morro*, grupo pioneiro aqui do Rio, que em mais de vinte anos de estrada, fortaleceu a sua identidade dentro do Vidigal, depois ganhou reconhecimento fora da favela, diluiu fronteiras e abriu diálogo com o asfalto, com o Brasil e com o mundo.

É possível identificar nos exemplos dessas práticas, que vêm de lugares diferentes, um grande potencial para criar várias camadas de transformação: no nível individual, nas pessoas que se engajam nessas ações - os praticantes; nas comunidades nas quais essas práticas atuam ou atingem; nos espectadores que recebem as suas produções artísticas e que são provocados a rever seus conceitos e seus valores; e na sociedade como um todo, que é questionada, posta em xeque, recriada na medida em que recebe essas outras vozes.

Depois de conhecer essas experiências, e somando todas as outras que conheci nos últimos 15 anos, decidi correr o risco de dizer aqui o que significam, para mim, *práticas artísticas culturais transformadoras*: são práticas que enfrentam a ideologia “imobilizante”, que *fazem* alguma coisa, que não se conformam e desafiam a realidade “quase natural”; que conseguem agregar pessoas, num mundo cada vez mais individualista; são práticas com o potencial de criar espaços e oportunidades para que se pronunciem vozes silenciosas ou silenciadas; são ações movidas pela energia humana e que não dependem obrigatoriamente do “dono do mundo” - do dinheiro - para acontecer; são práticas capazes de alterar a nossa maneira de ver e compreender o mundo; que nos provocam a assumir o nosso papel como participantes ativos da história, atuando na estrutura social não como forma de mantê-la como está, mas no sentido de modificá-la.

Mas, sobretudo, são ações que acreditam no sonho possível, como disse Paulo Freire: “Sonho possível, *mas nada fácil*, da invenção democrática de nossa sociedade.” (Paulo Freire, *À Sombra desta mangueira*, 2000, p.32).

Passemos à nossa roda de conversa, porém gostaria de deixar uma provocação: que a pergunta *O que são práticas transformadoras?* ecoe também em vocês. Convido todos vocês a refletir sobre as suas ações e a pensar se elas caminham, verdadeiramente, em direção ao que vocês acreditam que seja uma *prática transformadora*.



**Marina Henriques** é Professora do Departamento de Ensino do Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Centro de Letras e Artes. É Doutora em Artes Cênicas (UNIRIO), atriz e jornalista. Entre 1997 e 2007 atuou como idealizadora, coordenadora e professora em diversos projetos artísticos e sociais no Rio de Janeiro.

Texto elaborado a partir da sua participação como mediadora no 3º. Seminário Juventude, Cultura e Desenvolvimento, realizado em 24 de agosto de 2010, na Casa de Rio Barbosa, no Rio de Janeiro, no âmbito da 3ª Mostra Brasil Juventude Transformando com Arte, evento coordenado pelo Centro de Estudos de Políticas Públicas.

---

### **O que é o Programa Juventude Transformando com Arte?**

Ações integradas que visam contribuir para identificação, fortalecimento e divulgação de grupos e instituições que trabalham com arte e cultura, envolvendo jovens brasileiros, com foco na transformação social. Coordenado pelo CEPP, o programa é composto das seguintes ações e produtos:

Mapeamento de Experiências Sociais com Arte e Cultura:

Região Nordeste - 2007      Região Sudeste - ES, SP e RJ - 2009/2010

Mostra Brasil (Rio de Janeiro): 2006, 2008, 2010

Revista Juventudearte: 2007 e 2009

Revista Mapa da Mina: resultados do mapeamento São Paulo, 2010

[juventudearte@juventudearte.org.br](mailto:juventudearte@juventudearte.org.br)

[www.juventudearte.org.br](http://www.juventudearte.org.br)

<http://juventudearte.blogspot.com>

[http://twitter.com/juventude\\_arte](http://twitter.com/juventude_arte)